

Deanny Stacy Sousa Lemos¹

**ALÉM DO VISÍVEL: Território,
dimensões e luta Akroá Gamella na
baixada maranhense**

**BEYOND THE VISIBLE: Territory,
dimensions, and Akroá Gamella
struggle in the maranhense lowlands**

¹ Doutoranda em Antropologia Social- UFSCar, deannystacy@gmail.com

RESUMO

Esta investigação se passa no Território Taquaritiua do povo Akroá Gamella, indígenas do tronco Jê, que vivem na Amazônia Legal, na Baixada Maranhense. Busco apresentar o território multifacetado, um espaço construído por dimensões visíveis e invisíveis que abriga uma classe de seres, os encantados. Seres magnificados, eles vivem em suas moradas, lugares sagrados para os Akroá Gamella por serem domínios dos encantados. Nesses espaços, esses seres desenvolvem agência não só com os locais, mas em todo o território, através do cuidado, proteção e ações políticas, principalmente nas ações de retomadas.

PALAVRAS-CHAVE: Akroá Gamella; Encantados; Território multifacetado; Dimensões da realidade.

ABSTRACT

This investigation takes place in the Taquaritiua Territory of the Akroá Gamella people, Indigenous people of the Jê linguistic branch, who live in the Legal Amazon, in the Maranhense Lowlands. I aim to present the multifaceted territory, a space constructed through visible and invisible dimensions that houses a class of beings, the "encantados" (enchanted ones). Magnified beings, they inhabit their dwellings, sacred places for the Akroá Gamella, as they are domains of the enchanted ones. In these spaces, these beings develop agency not only locally but throughout the entire territory, through care, protection, and political actions, especially in territorial reclamation efforts.

KEY WORDS: Akroá Gamella; Enchanted beings; Multifaceted territory; Dimensions of reality.

INTRODUÇÃO

A investigação conduzida no Maranhão, iniciada em 2018, teve como foco a análise do povo Akroá Gamella, indígena do tronco Jê, que vivem na baixada maranhense entre os municípios de Viana, Matinha e Penalva. O foco da investigação era voltado para a luta pela recuperação de seu território por meio das retomadas de terras. Esse processo visa recuperar o espaço sagrado e reparar as relações que foram severamente impactadas pelos anos de colonização e colonialismo. As retomadas, além do resgate territorial e das relações, também era uma forma de autodemarcação desse território. Ou seja, consistem na recuperação de áreas que haviam sido tomadas por não indígenas, mediante práticas como arrendamento, grilagem e invasão.

Inicialmente as terras retomadas, além de serem lugares de morada dos encantados, também proporcionava “emendas” na terra que estava muito fragmentado e marcado pela expropriação. Em um levantamento de 11 retomadas realizadas entre 2014 e 2017, que além de recuperarem territórios, essas iniciativas envolvem os seres encantados, resultando na reconstrução da paisagem, com base no sentido do termo *paisagem* de William Baleé (2008), atribuo-o a um local que é encontro de seres e lugares, onde a história está impressa, inclusive, na matéria viva — e nas retomadas das relações fundamentais para a manutenção da vida de todos os seres que compartilham o território. Ou seja, as retomadas buscam o *retorno* — e trago a palavra no sentido usado por Daniela Alarcon (2013) — dos seres encantados e que aquele espaço volte a ser a morada do povo Akroá Gamella, e de fato a realidade de um futuro que esperam, mais adiante trago elementos que descrevem essa transformação dos espaços após serem retomados.

Esta investigação busca, portanto, apresentar o território multifacetado — mais a frente explorarei essa categoria — do povo Akroá Gamella, habitado por uma pluralidade de seres que são essenciais nos processos políticos e territorial. A perspectiva de construção de mundo, pode ser traduzido como uma *assembleia polifônica*. Onde tomo emprestado o termo de Tsing (2022), para descrever o território como um espaço moldado não apenas por humanos, mas por seres múltiplos que tecem o território.

Nesse contexto, o território Taquaritiua do povo Akroá Gamella, se destaca como uma área de significativa diversidade ecológica, que reverbera na pluralidade de seres e de suas moradas. Atualmente, os Akroá Gamella habitam uma porção reduzida de terra distribuída em 22 aldeias, porém, em 2018 o território possuía apenas 5 aldeias. O surgimento das novas aldeias está intrinsecamente ligado à retomada étnica dos moradores de outras localidades que ocupam o mesmo território. Embora muitas famílias se identifiquem como Akroá Gamella e optem por denominar sua área de aldeia, isso não implica necessariamente que toda a comunidade compartilhe dessa identificação. Essa dinâmica pode ser entendida como um movimento político de demarcação, refletido na frase

presente em todas as placas na entrada das aldeias: “Nossas escrituras são os nossos pés”, indicando que onde quer que caminhem, estão reafirmando a presença na sua terra. Essa percepção, pode ser traduzida como um modo de pensar Akroá Gamella sobre o mundo, sempre relacionando o andar como um fluxo de demarcação de espaços, de ocupação e reafirmação das suas identidades. Ao exemplo, de Bilibeu, ritual onde percorrem longos caminhos pelo território e ligam essa andança a reafirmação da presença indígena na região. Além de reafirmarem que por onde seus pés estão caminhando, ali é uma área que pertence ao povo, mesmo que no momento esteja sob posse de não indígenas.



Figura 1: Foto tirada durante ritual de Belibeu de 2024, o momento registra a passagem pela comunidade Santeiro (fica dentro da terra indígena, mas é ocupado por muitos não indígenas e são conhecidos porque alguns moradores cometeram atos de racismo contra os indígenas e participarem do massacre de 2017).

Essa diminuição significativa do território deve-se a apropriações ilegais, facilitadas por fraudes cartoriais e pela implementação do projeto de lei 2.979, de 1969, que buscava modernizar o setor agrário no Maranhão. Essas fraudes impediram o povo Akroá Gamella de acessar seu território plenamente. Como mencionou seu Marcírio ao falar do cercamento da paisagem, ‘não tem como andar no território sem se deparar com uma cerca erguida’. Com isso, com o objetivo de recuperar as áreas ocupadas por não indígenas e, ao mesmo tempo, proteger os espaços que estavam sendo degradados, ameaçando a morada dos seres encantados.

Durante a investigação das retomadas, concentrei-me em questões relacionadas à existência dos seres encantados. Isso despertou meu interesse em seguir o caminho desses seres para investigar as relações entre eles e os indígenas, assim como para conhecer quem são esses seres que habitam o Território Taquaritiua. Ou seja, foquei meu olhar nas narrativas que apresentavam os encantados. Desde minha chegada ao território em 2018, na retomada de terra conhecida como Piraí, uma morada de um encantado, ouvia narrativas que conectavam esses seres aos processos de recuperação territorial, levando a aprofundar minha pesquisa sobre o papel dos encantados nas retomadas e nas relações com os indígenas.

Em minha pesquisa de mestrado, aprofundei-me nas relações entre indígenas e seres encantados, com o foco em apresentar a *terra de encantoria*, um espaço que reflete a presença de vários seres sagrados que habitam as paisagens e estabelecem relações assimétricas com os indígenas. Identifiquei os diferentes seres e suas categorias, bem como suas formas de relacionamento e atuação no território por meio de seus domínios nos locais sagrados, compreendendo assim as formas de conexão entre todos os seres (Lemos, 2021a; 2021b).

Observando um território marcado pela destruição, fruto das rápidas mudanças impulsionadas por forças externas, os seres encantados aparecem nas narrativas como elementos essenciais para a permanência no território, muitas vezes sendo vistos como símbolos de cura para os males que afligem a terra. À medida que as paisagens são impactadas, a presença e existência desses seres encontram-se ameaçadas, levando-os, por vezes, a migrar para outras regiões, como pude ouvir em campo. O fluxo migratório, depende das condições que encontram as suas moradas, em uma das muitas conversas que tive com as pessoas envolvidas na luta territorial, me explicavam que os encantados foram embora porque suas moradas foram destruídas, mas que eles estavam voltando a habitar no território depois das retomadas de terras. Rokrã me relatava que quando mais novo via muito rastro de surrupira — um dos seres que habitam o território — nos tucueiros, depois parou de ver e disse que recentemente voltou a ver os rastros desse ser nos tucueiros ou atravessando o caminho.

“Nessa época que não era destruído como é hoje. Moça, que você via cada coisa, cada coisa mesmo que o couro arrepiava. Não era todo mundo não... .era isso 18 horas se falhava um querosene, né? Porque a gente chamava ali no Santeiro de fio, é porque aí passava um filho de telegrama, né? ... Vamos comprar um querosene (lá no fio)? Quem que ia? Tinha medo porque a gente via. Fiti... Fiti hoje é difícil ver Fiti assoviar e antigamente ele atacava a gente, ele assobiava lá na frente, ele assobiava lá no pé. Tinha que botar para correr, ele se virava no gato, no cachorro para dar em caboclo. Tinha uma mulher chamada Pedro da Reis, quando ela passou lá em casa de papai cansada. Ela disse: “Rapaz, briguei com diabo de um Fiti ali”. Então, porque existe, mas quando existe devastação ninguém fica” (Rokrã, Aldeia Centro do Antero, 2024)

Como disse anteriormente, quando as paisagens estão degradadas, eles apenas vão embora, para outros locais menos afetados pela degradação. A cada igarapé extinto ou floresta derrubada para dar lugar a pastagens, os Akroá Gamella afirmam que inúmeros seres perdem suas casas, suas moradas tanto nas dimensões visíveis quanto nas invisíveis — algo que explicarei mais adiante sobre essa teia de agência de seres que compõem o invisível. Diante disso, recorrer à ajuda desses seres para deter a destruição do território nos permite acessar as intrincadas teias dessas alianças, tecidas por relações magnificadas (Fausto, 2008). Esses seres encantados, ancestrais e donos do território, são centrais na narrativa de retomada das terras. Sua preservação e a manutenção da vida no solo sagrado são essenciais para a cura do território e das relações ameaçadas pela destruição.

Considerar esse território multifacetado ou multidimensional — e aqui trago uma breve conceitualização do quero dizer com esse termo — apresenta um território composto por dimensões habitadas por uma pluralidade de seres que mantém relações de domínios com a paisagem de forma invisível. Possuindo formas específicas de acesso e conhecimento. Os cantos entoados nos rituais funcionam como um chamado para que esses ancestrais se façam presentes, fortalecendo assim a relação com os indígenas e permitindo-nos conhecer a cartografia ontológica que reflete a memória, a história e o conhecimento adquiridos pelos indígenas por meio dos movimentos que realizam no território (Ingold, 2000).



Figura 2: Fotografia tirada no Rio Piraí, morada do encantado João Piraí, localizado na aldeia Cajueiro-Piraí.

Com isso, nos tópicos seguintes, iremos apresentar esse território multifacetado composto por uma variedade de seres que, juntos, nesse processo de reconstrução das relações, retomam os espaços, reencantando o mundo. No tópico intitulado *O território é feito por gente que canta com e como a gente*, iremos apresentar os donos e suas maestrias, os seres encantados e todas as unicidades desses seres tão múltiplos e complexos que mantêm relação particular com a paisagens. No tópico seguinte, trataremos dessa paisagem sendo um elemento importantíssimo para os Akroá Gamella por ressoarem a herança ancestral e a certeza de vida acompanhada pelo povoamento dos seres no solo sagrado, desta forma, a defesa do território se torna imprescindível para manter o sagrado vivo.

O TERRITÓRIO É FEITO POR GENTE QUE CANTA COM E COMO A GENTE

A maneira sublime de traduzir esse território multifacetado e povoado por seres diversos, é mergulhar nos cantos. Para os Akroá Gamella, o cantar se remota como um elo que une todos os seres que habitam essa terra de encantoria. Cada palavra entoada nos rituais é como um sussurro ancestral. Esse território não é apenas um espaço físico; ele é moldado por uma cartografia invisível, onde as cantigas revelam suas camadas e abrem o caminho para aqueles que têm "olhos limpos"—forma como descrevem quem consegue ver as moradas dos encantados— para enxergar.

Seguir o canto é entrar em sintonia com os seres ancestrais que habitam a terra. É explorar a essência múltipla desse território encantado, onde visível e invisível se misturam continuamente. O cantar é mais do que uma expressão ritual; é a chave que abre portas para o universo dos seres encantados, permitindo aos Akroá Gamella conhecerem seus nomes, suas moradas e suas histórias.

CONHECENDO A MORADA DOS ENCANTADOS

Os seres encantados, que compõem a miríade de seres magnificados (Fausto, 2008), ou seja, seres que possuem prestígio, responsabilidade e conhecimento. Além de serem comumente relacionados à proteção dos indígenas e ao controle do território. Em um evento especial e desconhecido, essas entidades se encantaram, passando a habitar a paisagem de uma forma diferente, incorporando múltiplas formas, como mãe-d'água, animal encantado ou outros seres. Alguns, como João Piraí, são conhecidos por sua capacidade de se metamorfosear, assumindo formas corpóreas variadas. Em uma das muitas conversas que tive com Rokrã, Cacoht e seu Marcirio, me contavam que esses seres nem sempre aparecem como são, então podem aparecer como homem e ser um bicho e o inverso. Marcirio conta uma história que seu pai, foi caçar e acabou atirando em um animal que ficou batendo asa e ela entrou em um local que tinha muito palmito, quando ele foi olhar em busca do animal, descobriu que se transformou num sapo. Logo decidiu deixar o animal onde viu, pois sabia que era um encantado ou animal de um encantado.

Após o encantamento, esses seres deixaram de ser visíveis aos olhos comuns, habitando o território em uma dimensão invisível, conectada a espaços específicos da paisagem, como rios, árvores e olhos d'água, conhecidos como moradas. Esse processo de encantamento os torna ancestrais e marca um momento crucial em sua existência, consolidando sua presença contínua no mundo Akroá Gamella. A conexão ancestral que liga os indígenas aos encantados é marcada pela ideia de cuidado, manifestada em narrativas sobre seres como João Piraí, que

afirmam nunca ter abandonado o povo, mesmo em momentos de destruição de sua morada.

Assim como um pai e uma mãe que cuidam e provê os meios necessários para o desenvolvimento de seus filhos. Como ouvi uma vez no território “Encantado o que ele é para nós? Ele sempre proteção”, ou seja, os seres encantados oferecem cuidado e deixam claro que estão presentes na vida dos indígenas.

Os ancestrais permanecem vivos e ativos no presente, como aponta Ingold (2000). A morte associada ao encantamento não significa o fim da vida nem compromete sua existência. Sua presença física foi temporária no tempo mítico, porém sua existência é perene, representando um processo que marca a transição na circulação da força vital no território. Não há morte, mas circulação da vida para outra dimensão desse mundo. O encantamento dos seres ocorre como parte de uma vida contínua, marcando o início de uma jornada para outra dimensão da realidade. Encantar-se significa atravessar da dimensão visível para a dimensão invisível, não havendo uma dicotomia entre morte e vida (Ingold, 2000).

A ancestralidade dos seres encantados não está vinculada apenas ao passado por meio de uma noção biológica de sucessão geracional (Ingold, 2000). Ela se faz presente por meio do cuidado, através de seus poderes de cura, conhecimentos míticos e domínio sobre suas áreas de encantamento. Andar nesses espaços sagrados revela o quanto essa relação é potente e cuidadosa, mas também perigosa. Uma falha no comportamento pode resultar em uma *flechada*, arma invisível que penetra o corpo causando enfermidades que exigem cura por meio dos curadores —figuras especiais na sociedade Akroá Gamella, que possuem acesso ao conhecimento dos encantados por meio de práticas como a reza.

Ao adentrar nesses lugares sagrados, você precisa entender que existe um dono e se faz necessário pedir permissão para qualquer coisa que queira fazer naquele espaço. No território, reúne inúmeras histórias de pessoas que ao chegarem em um olho d’água e pegarem água sem antes pedir permissão, a água ficava suja impossibilitando o uso; ou ir pescar em um rio e não pedir permissão, logo, não conseguir pescar; ir em um olho d’água que existe dois peixes encantados e dependendo da forma como você chega, ele pode adoecer você, como me explicava Dona Maiza e Seu Estevão. A relação belicosa exige regras de conduta. Além de pedir permissão para uso do espaço, é preciso manter respeito e, por exemplo, não xingar nesses espaços.

Quando o uso desses espaços é para a pesca, é preciso uma conduta ainda mais adequada, de fato uma ética da pesca. Os mais velhos explicam ser preciso pedir permissão, alguns costumam até falar que estão com muita fome e precisam pescar rapidamente para voltar logo para sua casa; além desses pedidos que envolve uma fala que remete a pressa pela pesca, também buscam reforçar a narrativa de que estão apenas pescando porque precisam, não haverá ganância no ato. Ganância é algo que atrapalha, os mais velhos dizem que os encantados não gostam e por isso deve-se só pescar o necessário. Além de saber os horários certos de fazer isso, costuma falar que às 12h e às 18h, são horários muito perigosos. Os encantados não gostam de serem incomodados quando estão

descansando; por isso, deve-se evitar ir à pesca nesses horários. Existe uma ética e uma negociação para uso dos espaços, os mais velhos relatam que seus pais ou avós sempre pediam para respeitar o horário de descanso dos encantados, não derrubar árvores de forma desnecessária, tudo tinha que ser feito somente pela necessidade.

Uma das histórias que marca bem essa trama que envolve a ética para uso dos espaços sagrados, a ideia de dimensões da realidade, bem com a destruição dos espaços sagrados foram contadas a mim por Pijhcre, sempre que ia pescar chegava na beira do rio e falava essa frase “Eita rapaz, eu tô com fome hoje. Eu quero comer, eu vim pescar, me ajude [...] tenho um bocado de pequeno em casa com fome.” e só assim conseguia pescar, inclusive afirma que se não souber como chegar nesses espaços e o que falar, possivelmente alguém aparecerá para você tentando o expulsar do local. Outra história que também me chama muita atenção, aconteceu ao lado de sua avó, Dona Lili (*in memoriam*). Uma das várias vezes que saiam para pescar a noite na beira do rio, quando voltavam viam uma senhora sentada no meio do caminho. Dona Lili logo instruía a pararem um pouco longe da senhora, fazia um cigarro e acendia— o ato de acender e soprar o fumo era para a fumaça chegar até a senhora e conseguir passar por essa encantada —, também pedia licença para passar falando que estava com muita fome e só queria chegar em casa. Pijhcre afirma que a senhora virava de costas para elas, assim liberando o espaço para seguirem seu caminho.

As relações são belicosas e se faz necessário pedir licença, bem como saber respeitar o dono desses espaços para conseguir pescar, beber água ou fazer qualquer uso desse espaço. Em uma conversa com Cohtap, me contava sobre algumas histórias de flechada, e me disse uma frase que transcreve bem sobre essa relação belicosa com os encantados, afirma que eles mesmos “dão um jeito”, em outras palavras, os encantados tem seus modos próprios de realizar a punição pelo mau uso do espaço. E nesse momento trago a fala de Cacoht, quando eu uma conversa me contava sobre o respeito que deve ter a morada, disse a seguinte fala:

*Encantado o que ele é para nós? **Ele é sempre proteção** (grifo da autora). Mas também se você exagerar, ele pode fazer mal também, né? Ele pode fazer mal também, então, a gente tem que ter o respeito por ele, para ele ter respeito pela gente. Porque a gente tem que respeitar o momento deles, porque não é que é morada deles aqui que eu posso esbandalhar... que eu vou bagunçar. Ele pode me fazer mal. **Como dizem os mais velhos: “eles podem flechar”** (grifo da autora). Podem me deixar doido, cegar a gente e dar febre. Fazer algum mal porque a gente exagerou. **Mas abaixo de Deus, os encantados cuidam e protegem a gente** (grifo da autora). (Cacoht, Aldeia Centro do Antero, 2024)*

Essa relação desenvolvida no território através do cuidado, revela uma teia de relações, em que os encantados, seres magnificados, que possuem domínio, agem e influenciam o mundo. Suas habilidades e

influência se manifestam nos sonhos, nas incorporações e nos conhecimentos de cura, conectando-se com os Akroá Gamella. Essa teia, que abrange dimensões visíveis e invisíveis, permite que todos os seres interajam por meio de linhas de conexão (Ingold, 2008; Ingold, 2013). Assim, o território não se restringe ao que pode ser visto ou mensurado; ele se revela como uma teia cheia de relações e multifacetado, onde seres visíveis e invisíveis coexistem e se entrelaçam, tecendo um espaço de dimensões sobrepostas e entrelaçadas.

UM TERRITÓRIO DE DIMENSÕES ENTRELAÇADAS

Movida pela tentativa de captar e apresentar o território multifacetado Akroá Gamella, mergulho nas ricas relações que me foram apresentadas através das narrativas, cantigas ou rituais de encantoria, experiência que observei ao longo desses anos. Minha chegada ao território, apenas dez meses após massacre de 2017, intensificou meu contato com as narrativas sobre os encantados e suas moradas, cantigas sagradas e a cosmopolítica Akroá Gamella. Olhando para essa minha trajetória como ponto de partida para apresentar este território, formado por pluralidades de seres e formas de habitar a paisagem, bem como pela própria constituição desse espaço, desse modo, traduzo como um território multifacetado. Proponho essa abordagem, muito embebida das narrativas sobre os encantados e o seu encantamento. Pois, descrevem o momento em que estão habitando o mesmo mundo, mas que esses seres estão vivendo de uma maneira invisível, o encantamento fala dessa passagem dessa dimensão visível, para a dimensão invisível. Ou seja, o território, ele é um lugar multifacetado.

É dessa forma que o território se traduz: por essa variedade e pluralidade. Ao caracterizar o território como multifacetado, estou me referindo à pluralidade desse lugar, que abriga uma classe de seres, chamados encantados, que habitam a paisagem em suas moradas, locais sagrados para o povo. Estou, portanto, também abordando um território dividido em dimensões visíveis e invisíveis.

O território multifacetado dos Akroá Gamella é, portanto, uma teia, onde as dimensões são interconectadas, na qual, seres visíveis e invisíveis coabitam e interagem. Nessa configuração, elementos visíveis, como árvores e rios, se entrelaçam com elementos invisíveis, como os encantados e suas moradas sagradas, coexistindo no mesmo tempo e espaço. Em outras palavras, o território está dividido em extensões/camadas que determinam uma porção de espaço ocupado, isto é, em dimensões que podem ser visíveis e invisíveis.

Todavia, essas dimensões da realidade que compõem o território Akroá Gamella são camadas ou extensões tão amalgamadas que, por vezes, não há como distingui-las. Os seres encantados povoam as dimensões invisíveis, porém, ao habitem e estarem nessa outra dimensão invisível, suas ações reverberam na dimensão visível, ou o visível afeta a dimensão invisível. A exemplo, das paisagens destruídas pela exploração e

expropriação. Explicaram-me que tanto as moradas quanto os encantados vivem de forma invisível no território; as moradas ficam na mata, nas águas, nos igarapés, mas a morada exata, como ela é, não se pode ver, pois é invisível. E continua, afirmam que, se prestar muita atenção, pode-se perceber coisas não naturais da paisagem, que demonstram que ali há uma presença de encantado. A presença dos encantados nessas dimensões é tangível, mas somente para aqueles com olhos limpos — forma como caracterizam pessoas que possuem uma sensibilidade para captar visualmente os encantados ou outros seres que habitam o território, habilidade inata — capazes de ver os encantados.

Nesse contexto, as cantigas assumem papel central, ao permitirem acessar essas dimensões e conhecer a cartografia ontológica. Os mais velhos dizem que se percebia muito mais esses lugares, pois o território não estava tão marcado pela exploração e expropriação feita por não indígenas. Hoje, a extensão formada por três retomadas, eram um local onde se via muitos seres — uma senhora sentada, um homem que ficava no caminho próximo a um juçaral com a mão passando nas cabeças, outro homem que ficava a noite toda batendo em árvores. Durante os rituais de encantoria — momento em que se reúnem para entoar as cantigas sagradas — que pude presenciar nos mais variados espaços do território, relacionavam esses momentos de cantoria ao fortalecimento espiritual, momento onde as cantigas agiam como um chamado para os encantados poderem estar presentes. Crianças, adultos e anciãos participam juntos desse momento e essa busca por fortalecimento.

As cantigas são narrativas cantadas que possibilita conhecer o território multifacetado, descrevendo as encantorias e os seres que habitam florestas, rios e açudes. Por exemplo, uma cantiga fala sobre uma encantada chamada Oruparana: "Cobrinha preta, Oruparana. Surucucu ela é cobra tirana." Outra fala de João Piraí: "João Piraí, tu é bravo, eu sou maroto. Quem manda no Rio Grande é tu, não outro". Conhecido como o grande dono do território—a cantiga quando foi traduzida para língua que está sendo retomada, trazem João Piraí como esse grande Dono do território e de um rio com muitos peixes, reforçando o grande protagonismo desse encantado no território—, João Piraí faz morada no Rio Piraí e assume várias formas, como homem, peixe, sapo ou outra forma corpórea, como me relatava Cotap.

Esse território plural, tão diversos em seres, domínios e dimensões, necessita de certos cuidados como elenquei anteriormente, mas que está constantemente em perigo pela exploração e expropriação causada por não indígenas. O território é composto por uma grande trama de águas, são dois rios com muitos braços que tecem tramas por toda extensão territorial Akroá Gamella, mas que foi muito impactado pela exploração. Há alguns anos o povo faz denúncias sobre o lixão que impacta diretamente essas veias d'águas, e recentemente realizaram uma retomada na área que é o lixão, a tentativa é de impedir que usem o espaço e endossar as denúncias sobre o uso ilegal que alguns municípios tem feito desse espaço dentro do território.

Utilizo as palavras de Luísa Molina (2017, p.26) para traduzir as retomadas: A luta como forma de habitar a terra, habitar a terra como

forma de luta. É indissociável a resistência como forma de habitar um território que foi expropriado e explorado, e as retomadas são maneiras de nutrir, ocupar e reconstruir os vínculos e os espaços desse território multifacetados que foram fragilizados. No próximo, tópico iremos abordar a defesa do território como garantia desse território multifacetado.

QUANDO A TABOCA TOCAR É HORA DE RETOMAR

*“Eu sou um caboclo brabo, eu moro no meio do mato
Eu sou um caboclo brabo, eu moro no meio do mato
Aê de dia até de noite,
Aê já conheço o soar
Na minha aldeia, eu ouvi buzinar
Na minha aldeia, eu ouvi buzinar
Eu mandei tocar taboca, fazer chamada, vamos guerrear
Eu mandei tocar taboca, fazer chamada, vamos guerrear”
Cantiga Akroá Gamella*

*“Eu bati na sapopema chamando meus companheiros
Eu bati na sapopema chamando meus companheiros
Ê olha como é tão bonito, meu povo, caboclo na minha aldeia
Ê olha como é tão bonito, meu povo, caboclo na minha aldeia”
Cantiga Akroá Gamella²*

Início o tópico com essas duas cantigas Akroá Gamella, pois rememora muito o processo de retomada das terras, resistência e existência indígena na região. A paisagem testemunhou o povo Akroá Gamella sofrendo não só com o avanço acelerado da fronteira agrícola, como também um ataque sem precedentes ao seu direito territorial, como a veiculação de que o povo estava extinto, mas o povo ainda gritava “Nós não morremos, ainda estamos aqui”.

O ataque ao povo e seu modo de vida, perdurou por anos, e se intensificou a partir do final da década de 60 com três ações expressivas. Primeiramente, quando ocorreu a falsificação do inventário de 1759 da Carta de Doação de Terra Sesmarias em cartório. Na qual, alteraram nominalmente a posse sobre a terra em uma certidão de 16 de abril de 1967, introduziram no documento uma averbação de 1953. Utilizavam esse documento envolvendo a participação de autoridades locais para ter um caráter de legalidade quando vendiam a terra (Paula Andrade, 2008; Lemos, 2019).

E a outra ação, com a Lei 2.979, de 17 de junho de 1969, conhecida popularmente pelos movimentos sociais maranhenses como “Lei de Terras Sarney”. Corresponde a mais uma política do Estado cuja finalidade era

² Cantiga apresentada a mim por Dona Dominga enquanto conversamos no seu local de cura na aldeia Claras. Dona domingo me colocou dentro do seu terreiro, apresentou seu espaço de cura, além do privilégio de ouvi-la cantar.

modernizar o setor agrário maranhense. As terras públicas do Estado foram leiloadas e entregues a grandes grupos latifundiários. O que ocorreu foi uma intensificação dos conflitos agrários na década de 70 no Maranhão.

A terceira ação, foi a região também ser visada por empreendimentos estatais ou de iniciativa privada e o Estado se torna presente na região com projetos de titulação e desenvolvimento econômico promovidos pelo Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (Iterma) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), levando vários indígenas a cadastrarem suas áreas no órgão fundiário regulador, de modo a garantir a proteção individual de suas casas. Ao cabo, o território dos Akroá Gamella foi reduzido a 530 hectares de um total de 14 mil hectares de acordo com a carta de doação de 1759.



Figura 3: Seu Raimundo, Aldeia Tarumã. A fotografia foi tirada em um local regularizado dentro da terra indígena pelo INCRA como um assentamento Maracaçumé-Ricoa.

Durante todos esses anos em que o Estado tecia sua narrativa de extinção dos povos indígenas e buscava enterrar a história do povo

colocando pedras sobre o território, os indígenas utilizaram esse tempo para um fortalecimento interno, até que pudessem 'retirar a pedra colocada pelo Estado', como caracterizam esse período de reclusão. A retirada da pedra ocorre a partir de 2010, os indígenas começaram a se mobilizar e em 2014 realizaram uma assembleia pública reafirmando sua identidade e a partir de 2015, iniciou-se o processo de retomada das terras.

RETIRADA DAS PEDRAS, NOVAS RETOMADAS E A DEFESA DO TERRITÓRIO

As ações de retomada, como foi mencionado anteriormente, foram estimuladas devido à fragmentação do território através da exploração, arrendamento e invasão. A terra estava adoecida por tantos males causados por não indígenas. Então, sobreviver no território daquele modo não era o suficiente. Sobreviver não é existir. Pijhcre, em sua fala para o El País após o massacre de 2017, afirmou que foram anos de sobrevivência, mas agora sente que está vivendo de novo. Antes das retomadas, sentia-se presa em um cofo, em uma gaiola, e após as retomadas, a sensação era de liberdade.

Quando Pijhcre evoca a ideia de sobrevivência para descrever a situação do território, a palavra carrega o peso de todos os males que adoeceram a terra e ameaçaram o modo de vida Akroá Gamella. Nas narrativas, destaca-se a ameaça às moradas dos encantados, que estavam sendo destruídas pelas fazendas, o cercamento do território e a diminuição de seu domínio, além da crescente degradação e da ameaça às próprias vidas. As retomadas foram impulsionadas pela noção de território do povo, que remete à construção e à vivência, sobre uma base territorial, como diz Dominique Gallois (2004). Pois, ao pensar a ideia de território a partir dessas relações que são estabelecidas, criam canais de comunicação, e as relações são os aspectos centrais na ideia de território que produz as retomadas. As relações de apropriação do espaço são aspectos central nesse tipo de abordagem. Cada área que desejavam recuperar era indispensável para a produção do que os torna e os mantém Akroá Gamella. Impulsionados por esses fatores, os Akroá Gamella realizaram ações de retomada, e essa autodemarcação operava como uma dissonância de mão dupla (Molina, 2017a; 2017b). Luísa Molina (2017) propõe que os indígenas utilizem os códigos e o aparato normativo estatal como estratégia para se movimentarem dentro das estruturas do Estado. Ou seja, o povo Akroá Gamella realiza as autodemarcações de seu próprio território, produzindo e construindo os limites de sua terra. Na autogestão do território, eles mesmos desenham o seu perímetro, recuperando lugares indispensáveis para a prática de suas formas de vida.

Como afirma Mejía Lara (2023), as retomadas são uma contrapolítica e contraterritórios, pois essa prática indígena também é um saber produzido para construir essa relação política. Nessa perspectiva, as retomadas movimentam a política dentro do universo das relações, especialmente

com os não indígenas, ao propagar uma política indígena para o mundo. Desse modo, o ato de retomar a terra surge como uma possibilidade de reencantar um mundo desencantado pelas interferências dos não indígenas, principalmente devido às grandes degradações ambientais, especialmente nos locais sagrados (Slater, 2001; Pereira, 2018; Arruti, 1996). As retomadas tornam-se uma forma efetiva de garantir o retorno dos lugares indispensáveis, permitindo que a vida volte a circular, que os lugares sagrados e os seres encantados retornem, e que a paisagem se regenere.

Após a retomada dos lugares, há um momento de descanso para a paisagem, um processo de cura dos locais que sofriam com as enfermidades causadas pelas fazendas. Os espaços são então cuidados e nutridos; a natureza é deixada para se recuperar, roças coletivas são construídas, e espaços são criados para as crianças poderem desenvolver suas habilidades corporais circulando pelo território. Expande-se também a infraestrutura para melhorar as vidas coletivas, com acesso à mata, recuperação das encostas do rio e retomada de relações fragilizadas, como as com os encantados. Além disso, a relação entre a retomada e os fazendeiros é apagada, e as áreas recuperadas recebem novos nomes, muitas vezes homenagens a rios ou aos encantados que são os guardiões dessas áreas.

A recuperação das áreas traz de volta outras agências e figuras importantes para o povo, bem como a garantia desse território multifacetado. As retomadas, em sua perspectiva cosmopolítica, visam “atrair lugares e relações, que multiplicam também as representações” (Mejía, 2023, p.18). A centralidade dos encantados nas práticas e nos aspectos de vida e política dos Akroá Gamella amplia o conceito de política, pois a agência desses seres é fundamental nesse processo, ou seja, uma cosmopolítica.

Isabelle Stangers (2007), ao fazer uma proposição sobre cosmopolítica, possibilita uma nova abordagem política em que se recusa a hegemonia que subordina natureza e cultura ou que entende essa natureza inerte, sem participação no campo político. Para Stangers, a cosmopolítica propõe um novo modo de pensar no qual esses outros seres tenham autoridade ontológica. Davi Kopenawa (2019), em *A queda do céu*, diz que para os Yanomami, política é outra coisa, elas são as palavras de Omama e dos xapiris. Em outros termos, Kopenawa nos diz que a sua crítica ao sistema capitalista e aos deuses da mercadoria passa pela interação com os xapiris, elaborando uma outra definição de política.

Renato Sztutman (2020), traz *A queda do céu*, como um manifesto cosmopolítico fortemente ligado ao discurso da ecologização da política e ao que se poderia entender como uma diplomacia— termo usado sob a ótica de Stangers (2007) —, pois esse fazer político se dá entre mundos e seres. Assim, fazendo essa diplomacia com o mundo branco. Danowski e Viveiros de Castro (2014), ao discutirem a cosmopolítica, abordam como ela amplia a noção de agenciamentos, pois não há uma separação rígida entre natureza e cultura, humanidade e mundo. Em outros termos, a diplomacia que se estabelece entre seres, onde todos possuem agência,

constrói a realidade e as possibilidades de mundo. No caso abordado aqui, essa construção se concretiza nas retomadas.

Podemos ver essa construção de mundos nos trabalhos de Daniela Alarcón (2013), Patrícia Couto (2008) e Susana Viegas (2007) ressaltam a centralidade dos encantados nas retomadas Tupinambá como parte essencial, além das instruções de como realizariam as ações, sua presença garante um espaço de vida onde a existência de todos os seres é assegurada. Essa possibilidade de vida só é garantida pela retomada das terras. No território Akroá Gamella não é diferente.

Para o povo Akroá Gamella, os seres encantados desempenham um papel político ativo na retomada do território, agindo e interferindo no curso dos acontecimentos (De La Cadena, 2015, 2018, 2019). Um exemplo marcante ocorreu durante o ataque a tiros de invasores em 2017, quando os encantados confundiram os caminhos para proteger os indígenas que fugiam. Algumas crianças, presentes durante a ação, relataram que, ao tentarem retornar pelo mesmo caminho até a fazenda, encontraram jagunços armados. Assim, foram conduzidas de volta para a mata, evitando uma emboscada e, possivelmente, uma tragédia ainda maior—Existe a prática de levar as crianças para todas as ações, afinal, a aprendizagem é coletiva. Ao participarem dos rituais ou das ações de retomadas, essas crianças, ao passo que aprende os rituais de fortalecimento espiritual para retomar a terra, participam de forma ativa na construção daquela realidade, ou seja, a construção da retoma de terra (Toren 1990; Cohn, 2000). Muitas crianças estavam presentes durante o massacre, algumas tiveram pequenas escoriações durante a fuga, mas a grande ferida foi o trauma de ver seus parentes sendo atacados com golpes de facão ou bala, além do cenário de ameaça e insegurança instalado no território. Essa experiência reflete a importância dos encantados na proteção e na condução dos Akroá Gamella durante as retomadas.

Quando narram que os encantados nos confundiram para nos proteger é assegurar que esses seres possuem agência sobre o mundo, não só no cuidado das ações, mas principalmente na motivação e instrução para retomarem as áreas. Observo as iniciativas de recuperação e o território como uma vasta assembleia polifônica (Tsing, 2022), evidenciando a compreensão de que “fazer mundos não se restringe aos humanos” (Tsing, 2022, p. 66). Em outras palavras, trata-se de uma convergência de projetos de criação de mundo concebidos tanto por seres humanos quanto não humanos, entrelaçando-se. As iniciativas de recuperação representam essas estratégias/projetos que são concebidos por todos os seres que habitam o território, onde todos colaborem para transformar esse espaço em ruínas em locais que circulem vida. Ou seja, onde haja presença dos seres encantados. Desta forma, promovendo a cura dos males que os impactos ambientais causaram.

Assim, os objetivos políticos dos Akroá Gamella e dos seres encantados apontam, assim, para o campo de relações complexas. Mencionam que os seres sagrados são protagonistas nas pautas territoriais, posto que davam direcionamento a respeito de como poderiam retomar as terras para trazer a cura. O que entendem como política difere radicalmente das concepções que fazem separação entre natureza e cultura, a política é pensada com os

seres encantados, não concebe o mundo como algo inerte e suscetível às invasões e degradações ambientais. Os seres encantados estão inseridos na construção das ações cosmopolíticas (Sztutman, 2019; 2020).

Os espaços retomados, que eram paisagens arrasadas onde se reuniam impactadas por perturbações radicais feitas por empresas e grandes empreendimentos (Tsing, 2018), voltam a ser povoados pelos seres que vivem nesses espaços, além de também serem utilizados para fortalecimento da coletividade, algumas retomadas foram utilizadas para criação de roças coletivas, casa redonda, atendimento médico. O espaço volta a refletir a indigeneidade através da recuperação tanto ligada às questões ecológicas, como ao fortalecimento dessas relações que foram enfraquecidas, principalmente no que diz respeito sobre os seres encantados (Balée, 2008).

CONCLUSÃO

“Eu sou um caboco brabo, eu moro no meio do mato. Aê, de dia até de noite, eu já conheço o luar. Na minha aldeia eu ouvi buzinar, eu mandei tocar taboca, fazer chamada, vamos guerrear.” Assim como a prática Akroá Gamella de finalizar suas ações, assembleias e reuniões com as encantorias, pois a musicalidade é um elemento central, trago este canto, muito entoadado nos rituais de encantoria e marcante nos processos de retomada e na luta pela garantia de um território cuidado, protegido e livre das enfermidades causadas por não indígenas.

A cantiga sagrada dos Akroá Gamella ecoa o movimento de recuperação das terras por meio de ações coletivas: as retomadas. Indígenas e encantados, juntos pela defesa e construção desse mundo que garante a vida de todos os seres presentes no território. Recuperam o mundo em ruínas, alvo de ataques intensos perpetrados pelo poder do Estado e por interesses diversos — empresas privadas, fazendeiros e políticos — com sua lógica de exploração, transformando o solo sagrado em mera mercadoria, como fonte de negociação. Para os Akroá Gamella, o território é inegociável, intocável e encantado. Enquanto outros veem uma “geografia do sacrifício” a ser explorada, como um local desterrado onde buscam apagar história, raízes e memórias para poder explorar, os Akroá Gamella veem espaços sagrados que precisam ser preservados para a manutenção da vida de seus ancestrais. Não há vida no território sem a preservação da morada dos encantados.

As retomadas são vias efetivas para garantir a proteção de seu território multifacetado, com todos os seres e dimensões essenciais que os tornam e os mantêm como Akroá Gamella. Assim, os espaços recuperados refletem essas territorialidades e toda a amplitude de relações que são indispensáveis para os indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARES, Myriam Martins. **Kitoko Maxakali: a criança indígena e os processos de formação, aprendizagem e escolarização**. Revista *anthropológicas*, ano 8, volume 15(1): 49-78 (2004).

ALVARES, Myriam M. **Criança e transformação: os processos de construção de conhecimento**. Educação indígena: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização, p. 77-91, 2012.

ARRUTI, José Maurício Andion. **O reencantamento do mundo: trama histórica e arranjos territoriais Pankararu**. Rio de Janeiro, RJ, UFRJ, Museu Nacional, 1996.

ALARCON, Daniela Fernandes. 2013. **O retorno da terra: as retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia**, 343 pp. Brasília, Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília.

BALEÉ, William. **Sobre a indigeneidade das paisagens**. Revista de Arqueologia, v. 21, n. 2, p. 9-23, 2008.

BRANCH, Lyn C.; SILVA, Marlene F. da. **Folk medicine of Alter do chao, Para, Brazil**. Acta Amaz, p. 5-6, 1983.

COHN, Clarice. **Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá**. Revista de Antropologia, v. 43, p. 195-222, 2000

COUTO, Patrícia N. A. 2008. **Morada dos encantados: Identidade e religiosidade entre os Tupinambá da Serra do Padeiro, Buerarema, BA**. Dissertação de mestrado (Antropologia). Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2008.

DANOWSKI, Deborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2014a. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. São Paulo: ISA, Cultura & Barbárie.

DE LA CADENA, Marissol. **Earth-Beings: Ecologies of Practice Across Andean Worlds**. Morgan Lectures Series-Duke University Press, 2015.

DE PAULA ANDRADE, Maristela. **Terra de índio: identidade étnica e conflito em terras de uso comum**. Edições UFMA, 1999.

FAUSTO, Carlos. **Donos demais: maestria e domínio na Amazônia**. Mana, v. 14, n. 2, p. 329-366, 2008.

GALLOIS, Dominique Tilkin. **Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades?**. In: FANY, Ricardo (org.). Terras Indígenas e Unidades

de Conservação da natureza: O desafio das sobreposições. São Paulo, Instituto Socioambiental, pp. 37-41, 2004.

INGOLD, Tim. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais.** Horizontes antropológicos 18 (2012): 25-44.

INGOLD, Tim. **Repensando o animado, reanimando o pensamento.** Espaço Ameríndio, v. 7, n. 2, p. 10-10, 2013.

INGOLD, Tim. **Quando a ANT encontra a ARANHA: Teoria social para artrópodes.** Agência material: rumo a uma abordagem não antropocêntrica , p. 209-215, 2008.

INGOLD, Tim. **A percepção do meio ambiente: ensaios sobre meios de subsistência, moradia e habilidade.** Imprensa de psicologia, 2000.

IMESC. **Enciclopédia dos Municípios Maranhenses: Microrregião Geográfica da Baixada maranhense** - Volume II ; Categoria, Enciclopédia dos Municípios. 2014.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami.** Editora Companhia das letras, 2019.

LARA, Amiel Ernenek Mejía. **Retomadas, autonomias e cosmopolíticas desde as tramas Tupinambá.** Revista de Antropologia, v. 66, p. e204580, 2023.

LEMONS, Deanny. (2021). **Terra encantada: caminhos, mundos e conexões com o sagrado entre os akroá-gamella, Maranhão.** Dissertação de mestrado em antropologia- UFPI. Teresina, 2021.

LEMONS, Deanny. **Território akroá-gamella: teia de conexões entre os indígenas e os seres encantados.** Maloca: Revista de Estudos Indígenas, Campinas, SP, v. 4, n. 00, p. e021018, 2021.

MARANHÃO (Estado). **Lei nº 2.968, de 17 de junho de 1969. Dispõe sobre as terras do domínio do Estado do Maranhão e dá outras providências.** São Luís: Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão, 17 jun. 1969. Diário Oficial do Estado do Maranhão.

Molina, Luísa Pontes. **Lutar e habitar a terra: um encontro entre autodemarcações e retomadas.** Revista de Antropologia da UFSCar, v. 9, n. 1, p. 15-35, 2017.

MOLINA, Luísa Pontes. (2017). **Terra, luta, vida: autodemarcações indígenas e afirmação da diferença.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Brasília: Universidade de Brasília.

PEREIRA, Ricardo Neves Romcy. **Os verdadeiros donos da terra: paisagem e transformação no baixo Tapajós.** 2018.

SLATER, Candace. **A festa do boto: transformação e desencanto na imaginação amazônica.** Funarte, 2001.

SZTUTMAN, Renato. **Um acontecimento cosmopolítico: O manifesto de Kopenawa e a proposta de Stengers.** Mundo Amazônico, v. 10, n. 1, p. 83-105, 2019.

SZTUTMAN, Renato. **Perspectivismo contra o Estado. Uma política do conceito em busca de um novo conceito de política.** Revista de Antropologia, v. 63, n. 1, p. 185-213, 2020.

TOREN, Christina. **Making Sense of Hierarchy: Cognition as Social Process in Fiji,** Londres, Athlone Press., 1990.

TSING, Anna Lowenhaupt. **Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos).** Cadernos do LEPAARQ, Pelotas, v. 15, n. 30, p. 366-382, jul./dez. 2018. Tradução de Filipi Pompeu e Mariana Canazaro Coutinho. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/13315/9023>. Acesso em: 11 de out. 2025.

TSING, Anna Lowenhaupt. **O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo.** São Paulo: n-1 edições, 2022.

VIEGAS, Susana. **Terra calada: Os Tupinambá na Mata Atlântica do sul da Bahia.** Rio de Janeiro, Editora 7Letras, 2007.